

PARA AMAR CESARIO

Edgard Pereira

Confesso que não amei a poesia de Cesário Verde no primeiro contato. Irritava-me sempre a constatação do ar de superioridade, do tom de distanciamento e indiferença diante do sofrimento e da imperfeição do outro, revelados pelo eu enunciador. Como disse Vergílio Ferreira a propósito de sua poesia, há poetas que se admiram mas não se amam: Cesário é um deles.¹ Esforçava-me por descobrir-lhe a essencial visão do mundo, fascinado pela energia e pelo ousado realismo de suas imagens, mas o «tom de displicência, de distraída tolerância com que fala dos outros»² acabava por me distanciar de seus versos. Pareciam-me portadores de uma ideologia pequeno-burguesa intolerável (na verdade, o Poeta, ao fim de uma breve existência de 31 anos, considerava-se um bem sucedido exportador de frutas). A figura feminina, sempre revelada como fria e distante, inscrevia-se, nas minhas primeiras leituras, como remanescente desgastado das soluções parnasianas, sem desvincular-se ainda por inteiro dos clichês românticos:

«Pudesse-me eu prostrar, num meditado impulso,
Ó gélida mulher bizarramente estranha,
E trêmulo depor os lábios no seu pulso,
Entre a macia luva e o punho de bretanha.»³

(Frigida, e.5)

«E, ó mágica mulher, ó minha Inigualável,
Que tens o imenso bem de ter cabelos tais,
E os pisas desdenhosa, altiva, imperturbável,
Entre o rumor banal dos hinos triunfais.»

(Meridionais, e.5)

O intra-texto muitas vezes me forçava a ver, na sua declarada superioridade, um desdobramento da força máscula explícita, mas a barreira persistia:

«É foi, então, que eu, homem varonil,
Quis dedicar-te a minha pobre vida,

A ti, que és tênue, dócil, recolhida,
Eu, que sou hábil, prático, viril.»

(A Débil, e.13)

A vaidosa arrogância do eu enunciador diante da hortaliça pobre em **Num Bairro Moderno** — «Eu acerquei-me dela, sem desprezo», e.14 — reaparecia, multiplicada, no tenso quadro de horrores revelado pelo poema **Em Petiz**:

«Ah! Os ceguinhos com a cor dos barros,
Os que a poeira no suor mascarra,
Chegam das feiras a tocar guitarra,
Rolam os olhos como dois escarros!»

(Em Petiz, e.8)

«Outros pedincham pelas cinco chagas;
E no poial, tirando as ligaduras,
Mostram as pernas pútridas, maduras,
Com que se arrastam pelas azinhagas

(Em Petiz, e.10)

Por lobisomens, por papões, por bruxas,
Nunca sofremos o menor receio.
Temíeis, vós, porém, o meu asseio,
Mendigazitas sórdidas, gorduchas!»

(Em Petiz, e.16)

Além do diminutivo (a pequenez como forma de minimizar), o poema apresenta um extenso painel: o bêbado zarolho, a louca obscena, os «selvagenzinhos» catando piolhos, etc., todo um quadro de monstros e mutilados. Em minha leitura apressada, lamentava a existência de tais juízos num Poeta que atinge dimensões maiores em **O Sentimento Dum Ocidental**. Cheguei, então, a supor que minha leitura era insuficiente.

Quando tomei conhecimento de que minhas reservas eram idênticas às da crítica da época (um jornal publicou uma nota sobre o poema afirmando que «Cada verso é simplesmente um vomitório, e cada recordação revela de sobejo os maus instintos da criança, precisamente o desamor do homem já feito, pela miséria alheia»⁴), resolvi com urgência ler Cesário com maior atenção. Penitencio-me: se a burguesia da época sentia-se revoltada pelas condições sociais expressas no poema, na certa o equivocado não era Cesário por tê-las revelado. «Com efeito, que **Em Petiz** continha qualquer coisa de gravemente ofensivo para a ordem social estabelecida, é claramente confirmado pela reação escandalizada que a sua publicação provocou», observa Helder Macedo.⁵ O estado emocional do presente anula o julgamento infantil — «a criança que foi era pessoalmente inocente, se bem que, socialmente culpada».⁶ No final do poema, o julgamento infantil é reavaliado:

«Hoje entristeço. Lembro-me dos coxos.
Dos surdos, dos manhosos, dos manetas.
Sulcavam as calçadas, as muletas;
Cantavam, no pomar, os pintarroxos.»

(Em Petiz, e.25)

Aos poucos, fui percebendo o grito revolucionário da poesia de Cesário, a coragem de revelar as mazelas sociais e, mesmo, de sugerir que elas teriam relação com a incipiente industrialização da sociedade, ao indiciar os efeitos do desemprego e as tensões do operário demitido:

«Uns operários, nestes descampados,
Também surdiam, de chapéu de coco,
Dizendo-se, de olhar rebelde e louco,
Artistas despedidos, desgraçados.»

(Em Petiz, e.20)

A concepção realista do mundo — um realismo ousado, tendente ao naturalismo, na atração mórbida pelo grotesco (os pobres, os paráliticos, os imperfeitos) — articula-se estreitamente a uma história secularizada da salvação humana, em que os mutilados e miseráveis constituem desequilíbrio da harmonia cósmica. Nesse aspecto, senti que sua poesia (como certa crítica faz crer) pouco herda do impressionismo tendente aos estados limítrofes da apatia diante das cicatrizes da natureza. Senti que seu realismo, conquistado a duras penas, tendia para a visão aparentemente neutra e inocente da câmara. E o olhar de Cesário é um olhar intruso, cruel, um olhar que não se intimida pelo grotesco. Um olhar que se faz acompanhar pelas interferências de um eu enunciador, preocupado com os homens, a literatura, a história, embora jamais se justifique por revelar o grotesco que seu olhar aprende:

«E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.»

(Contrariedades, e.11)

«Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.»

(O Sentimento Dum Ocidental, e.1)

«Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atacam botes.»

(Idem, e.5)

.....
«E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.»

(Idem, e.8)

Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os dúbios caminantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.»

(Idem, e.9)

«Sei só desenho de compasso e esquadro.
Respiro indústria, paz, salubridade.»

(De Verão, e.2)

«E agora, de tal modo a minha vida é dura,
Tenho momentos maus, tão tristes, tão perversos,
Que sinto só desdém pela literatura,
E até desprezo e esqueço os meus amados versos!»

(Nós e.128)

Esse Cesário, o que assume o grotesco de seu olhar intruso, é que passei a amar. Sua poética, caracterizada, em linhas gerais, por uma estréia convencional que evolui para uma depuração dos parâmetros realistas até incidir em processos precursores do Modernismo, é, no mínimo, curiosa. Se me aventuro a descobrir o verdadeiro salto qualitativo de sua poesia (as pretensões a que a crítica me conduz!), esbarro, de imediato, no problema da edição póstuma: o **Livro de Cesário Verde** foi publicado, nove meses após a morte do Poeta, por inteira responsabilidade e risco de Silva Pinto, que se auto-intitula «amigo na vida e na morte». Se procuro reflexos de sua participação na imprensa da época, o risco de desanimar se impõe, devido à indiferença e oposição dos contemporâneos. Estes não se deram conta da nota inovadora introduzida pela sua dicção poética. Resta-me, ao lado do prazer resgatado pela leitura cuidadosa de seus versos, a surpresa dos registros da presença de um eu enunciador que remete a um ser histórico, caracterizado pela busca de integridade e pelo desejo de viver: o poema **Em Petiz** constitui um contraponto crítico a poemas ingênuos sobre o viver nos campos; apesar do pesadelo das mortes familiares (o irmão, a irmã), o poema **Nós** exalta o trabalho do agricultor como sinônimo de saúde. «Só o trabalho é, na poesia de Cesário, um investimento de energia muscular essencial à luta pela sobrevivência», assinala Margarida Vieira Mendes.⁷ O leitor percebe que **Em Petiz** — o texto mais contaminado pelo patológico — não tematiza o trabalho, mas o ócio e a mendicância: «pedincham», e.10.

Resta-me tentar perceber as ligações que sua poesia estabelece com o tempo atual. O impacto que certamente sobre o Poeta declinou o crescimento demográfico de Lisboa (com as conseqüentes variações do modo de produção e trabalho) de certa forma sobre mim declina a acelerada automação e uso de computadores. Vivemos (o Poeta e eu) momentos históricos-limite, provocadores de inevitável mudança da modernidade, o tempo atual experimenta o limiar do pós-moderno. Nesse sentido, a extrema atualidade de Cesário.

Penso mesmo que, no caso do autor de **O Sentimento Dum Ocidental**, a compreensão do referente histórico é básica para iluminar sua obra. Conheceu o Poeta de perto os desdobramentos da Revolução Industrial: o fluxo migratório (operários dos transportes, da construção civil, da indústria) para a cidade.⁸ Viveu a contingência do aumento da densidade demográfica e os problemas afeitos à saúde pública (peste de Lisboa, epidemias de febre amarela, tuberculose), conviveu com a expansão urbana e as atividades ligadas ao comércio e à comunicação social. Os temas que sua poesia propõe são ainda instigantes: a poesia como espaço de denúncia das condições humanas propiciadas pelos processos capitalistas de produção, questões relacionadas à ecologia e à alimentação natural, as injustiças sociais geradas pelos novos modos de produção, o problema do consumismo e, com ênfase, o embelezamento da existência árdua e anônima do agricultor e do operário urbano, o gosto melancólico pela modernidade. Entre outros, o leitor dialoga com a beleza destes versos:

«Entre espécies botânicas diversas
Forte, a nossa família radiava.»

(Nós, e.26)

«Povo! No pano cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Com ela sofres, bebes, agonizas;
Listrões de vinho lança-lhe divisas,
E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!»

(Cristalizações, e.26)

.....
«E aos outros eu admiro os dorsos, os costados
Como lajões. Os bons trabalhadores!
Os filhos das lezírias, dos montados:
Os da planícies, altos apumados;
Os das montanhas, baixos, trepadores!»

(Idem, e.17)

«O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo.
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!»

(O Sentimento Dum Ocidental, 2 e 3)

«Foi quando em dois verões, seguidamente, a Febre
E o Cólera também andaram na cidade,
Que esta população, com um terror de lebre,
Fugiu da capital como da tempestade.

.....

Pela manhã, em vez dos trens dos batizados,
Rodavam sem cessar as segas dos enterros.
Que triste a sucessão sos armazéns fechados!
Como um domingo inglês na city, que desterros!

.....
Por isso, o chefe antigo e bom da nossa casa,
Triste de ouvir falar em órfãos e em viúvas,
Em em permanência olhando o horizonte em brasa,
Não quis voltar senão depois das grandes chuvas.

Ele, dum lado, via os filhos achacados,
Um lívido flagelo e uma moléstia horrenda!
E via, do outro lado, eiras, lezírias, prados,
E um `salutar refúgio e um lucro na vivenda!

E o campo, desde então, segundo que me lembro,
É todo o meu amor' de todos estes anos!
Nós vamos para lá; somos provincianos,
Desde o calor de Maio aos frios de Novembro!»

(Nós, e. 1,5,10,11,12)

«Sim! Europa do Norte, o que supões
Dos vergéis que abastecem teus banquetes,
Quando às docas, com frutas, os paquetes
Chegam antes das tuas estações?!

Oh! As ricas **primeurs** da nossa terra
E as tuas frutas ácidas, tardias,
No azedo amoniacal das queijarias
Dos fleumáticos farmers de Inglaterra!»

(Idem, e.45 e 46)

O PERCURSO POÉTICO

Quando, por volta de 1873, com dezoito anos, inicia Cesário sua colaboração nos periódicos portugueses, a influência pernásiana é evidente. Época polêmica: a **Questão Coimbrã** (1865) e as **Conferências do Casino** (1871) trouxeram ventos renovadores à literatura portuguesa. Os temas dessas primeiras composições — **Responso, Meridionais, Flores Velhas** — revelam ressonâncias poéticas tradicionais (o amor, a mulher, a relação poeta/amada); o desempenho poético se mostra inseguro, em busca de identidade, de expressão própria. Predominam recursos satíricos e a ironia é usada como forma de camuflar o sentimentalismo romântico. O complexo de inferioridade diante da mulher amada, indiciada como distante, em conformidade com a moldura parnasiana, não deixa também de indiciar discretas turbulências amorosas. Nessas composições não encontra o leitor o melhor Cesário, preso ainda a soluções parnasianas pouco dominadas.

A partir de 1874, com **Heroísmos**, sua poesia delineia novos caminhos, abandonando o cinismo e o sarcasmo por uma concepção

realista filtrada por tons de velada e fina ironia. A nota romântica, porém, continua presente na 2ª estrofe:

«Eu temo o largo mar, rebelde, informe,
De vítimas famélico, sedento,
E creio ouvir em cada seu lamento
Os ruídos dum túmulo disforme.»

A adjetivação se faz mais concreta, precisa, as descrições ganham em expressividade:

«Eu temo muito o mar, o mar enorme,
Solene, enraivecido, turbulento,
Erguido em vagalhões, rugindo ao vento;
O mar sublime, o mar que nunca dorme.»

Ao abandono dos traços parnasianos, sucede o fascínio pela lírica de Baudelaire, que influencia toda a poesia portuguesa da época. O poema *Esplêndida*, duramente atacado por Ramalho Ortigão, atesta as marcas baudelairianas:

«Deita-se com langor no azul celeste
Do seu landau forrado de cetim;
.....
É fidalga e soberba.
.....
Tem a altivez magnética e o bom-tom
Das cortes depravadas.»

Idêntica expressão da figura feminina aparece também em composições entre 1984 e 1877 (em especial, *Frígida* e *Deslumbramentos*). Ainda se prendem a Baudelaire a descrição dos nervos tensos do cidadão, a temática da grande cidade vista como *Babel corrupta*, a simpatia pelos humildes (no caso da mulher-engomadeira, em *Contrariedades*), a ânsia de evasão:

«Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente.»

(*Contrariedades*, e.1)

Sem ceder a soluções melodramáticas, *Contrariedades* indicia aguda capacidade de observação, unida à força de visualizar a condição da pobre engomadeira. Esse poema prenuncia o melhor de Cesário, aquele que se manifesta em *Cristalizações*, *Num Bairro Moderno*, *O Sentimento Dum Ocidental*, *Nós* — poemas que o colocam entre os grandes da literatura portuguesa. Reconhecido como mestre por Alberto Caieiro, Cesário antecipa, de certa forma, o Modernismo português, ao possibilitar, em *O Sentimento Dum Ocidental*, a fusão

entre o presente e o passado, o presente e o ausente, o imaginado e o pensado, o real e o onírico.

NOTAS

1. FERREIRA, Vergílio. Relendo Cesário. Colóquio Letras, Lisboa, Telles da Silva, maio 1976, nº 31, p. 49-58.
2. Id. *ibid.* p. 52.
3. VERDE, Cesário. *Obra Completa de Cesário Verde*, org. por Joel Serrão, 3ª ed., Portugália, s/data, p. 27. As citações de Cesário Verde são feitas por esta edição, indicando-se, apenas, entre parênteses, o nome do poema e o número da estrofe.
4. Id. *ibid.* p. 221.
5. MACEDO, Helder. *Nós-uma leitura de Cesário Verde*, Lisboa, Plátano, 1975, p. 181.
6. Id. *ibid.* p. 182.
7. MENDES, Margarida Vieira. *Poesias de Cesário Verde*. Lisboa, Comunicação, 1982, p. 45.
8. Cf. introdução de MENDES, Margarida Vieira, *op. cit.*